

# O TRABALHO APOSTÓLICO DAS IRMÃS PASSIONISTAS MISSIONÁRIAS DE SANTA GEMA EM GOIÁS: DE PARTEIRAS ÀS MATERNIDADES (1960-2003)

FERREIRA, Rodrigo<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo dessa comunicação é analisar a atuação das Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema em Goiás, especialmente no oeste goiano, na região da diocese de São Luís de Montes Belos, mais especificamente nos municípios de Anicuns, Iporá e Firminópolis. As irmãs atuaram nessa região entre os anos 1960 a 2003, e foram pioneiras como enfermeiras formadas com curso superior nos Países Baixos, a exercer a função de parteiras e criar maternidades para acolher as parturientes. Diante da precariedade do sistema de saúde da época, essas mulheres cooperaram para o desenvolvimento social e o bem-estar das crianças recém-nascidas.

**Palavras-chaves:** Irmãs Passionistas Missionárias; Estado de Goiás; Igreja católica; Diocese de São Luís de Montes Belos.

## 1. A Congregação das Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema

Queremos apresentar uma reflexão sobre o trabalho das Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema na região do Oeste Goiano, na Prelazia de São Luís de Montes Belos, que em 1981 foi elevada a diocese (ESPÍNDOLA, 1981) e em Goiânia na região da Paróquia de São Pio X, região conhecida como “Fama”. Essas irmãs trabalharam no Brasil a partir de 1960 até 2003. Durante todo esse tempo desenvolveram atividades sociais ligadas a enfermagem e a educação. Especialmente se dedicaram ao cuidado das crianças e das mulheres. O trabalho apostólico dessas irmãs ajudou no desenvolvimento social da região.

A história dessas irmãs começa em 1948, o padre Gabriel Sillekens, provincial dos Passionistas nos Países Baixos, precisava de irmãs para ajudar na missão dos padres na Indonésia. Ele pensou nas monjas passionistas de Sittard, porém o carisma contemplativo das monjas não era bem o que ele imaginava para a missão. Em conversa com o bispo de Limburg, Dom Lemmens, chegaram à conclusão de que deveriam fundar uma

---

<sup>1</sup> Pós-graduado *lato sensu* em Pedagogia Catequética pela PUC-GO. E-mail: [rodrigospetspem@gmail.com](mailto:rodrigospetspem@gmail.com).

comunidade de irmãs missionárias. Viram na jovem monja, irmã Vicência Gooren (1919-1990), o perfil ideal para iniciar essa fundação.

O bispo visitou o mosteiro de Sittard em setembro de 1948, e perguntou à irmã Vicência: "Você sacrificaria essa vida contemplativa para fundar uma congregação para missionárias?" Ela respondeu: "Sim", porque sentia a obrigação de fazê-lo, de acordo com seu voto de obediência. Irmã Vicência sentiu ser aquela a vontade de Deus. Estava feliz no mosteiro, que era dedicado a Santa Gema, e contava com muitas irmãs empenhadas na meditação da Paixão de Jesus Cristo, mas não hesitou em dizer sim ao bispo e ao padre Gabriel.

Muitos movimentos religiosos nasceram no deserto, é no deserto que homens e mulheres ouvem a voz de Deus. No silêncio a luz divina ilumina suas vidas, e esses homens e essas mulheres se tornam mestres espirituais para a humanidade. A Congregação das Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema nasceu como fruto do deserto de um mosteiro. É da oração e do silêncio que as irmãs Vicência e Margareth Gooren (1922-2018) beberam na fonte do carisma da Paixão de Jesus Cristo, e abraçaram o essencial da vida cristã. No deserto não nos importamos com o supérfluo, e na solidão só o essencial permanece na vida de uma monja. Essa característica de desprendimento e pobreza acompanharam as irmãs por toda a vida.

Em 4 de dezembro de 1948, ficou acertado que irmã Vicência deixaria o mosteiro e já recebeu o novo hábito para a fundação. No dia 27 de dezembro de 1948, foi concretizada a fundação do convento das Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema em Mook. Com irmã Vicência chegaram a Mook outras seis jovens dispostas a iniciar a comunidade missionária passionista. Foi uma tarefa árdua para uma irmã tão jovem: deixar o claustro e assumir a responsabilidade por uma nova congregação. O objetivo da nova fundação era: enfermagem e educação e, principalmente, ajudar os padres passionistas em suas áreas de missão. O espaço inicialmente ocupado pelas irmãs era uma ala de um antigo mosteiro adquirido pelos padres passionistas e que servia agora como seminário para os futuros padres.

O padre Gabriel Sillekens, deixou o cargo de provincial dos passionistas nos Países Baixos e, posteriormente, tornou-se missionário na Indonésia, onde foi eleito bispo de Katapang. Com isso ele se distanciou fisicamente da congregação que ajudou a fundar.

Em outubro de 1954, as irmãs inauguraram o próprio mosteiro, chamado *Stella Duce*, em Mook. O nome foi escolhido pelo bispo. Nesse espaço as irmãs cuidaram de idosos, estudaram, confeccionaram roupas, cuidaram da terra e se prepararam para a missão. O objetivo das irmãs era originalmente trabalhar na missão em Bornéu (Indonésia), mas, por causa da luta pela independência nas Índias Orientais Holandesas, essa tarefa não pôde se concretizar.

As irmãs foram formadas para a missão, mas também se dedicaram à educação e enfermagem em seu próprio país. O carisma dessas religiosas nasceu e amadureceu com o trabalho e o serviço ao próximo. E no meio do deserto da vida foram testemunhas como pessoas simples, humanas, apaixonadas por Jesus Crucificado. Irradiaram sabedoria e viveram do essencial. Sem pronunciar muitas palavras, suas vidas falaram do amor de Deus.

Os padres passionistas batavos começaram a chegar ao Brasil em 1956. Nos primeiros anos ficaram hospedados em conventos de São Paulo e Rio de Janeiro. Desde a chegada do padre Stanislau van Melis (1911-1998) ao Brasil, em agosto de 1958, ele assumiu a coordenação da missão e pensou nas irmãs passionistas como auxiliares na missão em terras goianas. Ele logo escreveu à irmã Vicência: "Há muitas possibilidades aqui para nós e para você", escreveu o superior dos Missionários Passionistas à comunidade irmã mais nova de Mook. O maior problema no início foi a soma das viagens. Uma travessia de navio custava 1.300 florins por pessoa. As irmãs em Mook eram pobres e até as despesas com a viagem eram dificuldades bem reais a serem vencidas.

## **2. Partir para o Brasil**

O ano de 1960 marcou a partida das primeiras irmãs dos Países Baixos, acompanhadas pelo padre Paulino de Waal (1918-2005), agora provincial em visita aos padres na missão em Goiás. Embarcaram no dia 5 de novembro de 1960, chegaram ao Rio de Janeiro no dia 23 e em Goiás no dia 28 do mesmo mês. A princípio vieram quatro irmãs: Bernadette Caspers (1923-2017), Carla Jacobs (1926-2016), Elisabeth Roijers (1927-2006) e Margareth Gooren. Em torno dessas quatro irmãs havia uma logística muito bem pensada. Duas eram enfermeiras (Bernadette e Elisabeth) e as outras duas poderiam ser professoras, formadoras de jovens candidatas à vida religiosa, mas todas

dispostas a ajudar na pastoral, que não conheciam até então, devido a diferença eclesial entre os Países Baixos e o Brasil neste momento de pré-Concílio Vaticano II. Ficaram em Goiânia por um ano, afim de aprender melhor a língua portuguesa. Foram acolhidas no Lar Nossa Senhora de Lourdes, das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado e no Colégio Santa Clara, no bairro de Campinas. Os padres já estavam instalados na Paróquia de São Pio X, na Vila Fama, e ajudaram as irmãs em tudo que elas precisaram nesse tempo inicial.

## **2.1. Anicuns - GO**

Em 07 de novembro de 1961, as quatro irmãs batavas partiram de Goiânia para Anicuns. Foi a primeira casa delas no Brasil. Irmã Margareth escreveu sobre essa mudança:

A primeira carta escrita da nossa primeira casa no Brasil. Em 5 de novembro, exatamente há um ano, nos despedimos de nossa casa mãe em Mook e, agora, em 7 de novembro, na festa de São Willibrord, chegamos ao nosso destino. Por mais de onze meses, moramos com irmãs brasileiras em Goiânia, capital do estado de Goiás, para nos familiarizarmos um pouco com o idioma e os costumes brasileiros. A linguagem é a nossa maior desvantagem, mas ela virá gradualmente carta de IRMÃ MARGARETH GOOREN, de 07 de novembro de 1961).

E a irmã Margareth continua narrando o dia histórico da mudança:

No dia 7 de novembro, às 6h, o caminhão veio buscar nossa bagagem, que ainda estava pronta desde a nossa partida da Holanda. O carro estava prestes a sair, quando o padre Pedro Beerkens chegou para ver se o carro já estava lá e, se necessário, para ajudar o padre Galileu. Eles haviam calculado, como costume brasileiro, e pensavam que o carro chegaria algumas horas depois do combinado.

Todas as nossas caixas foram embaladas e despachadas pelo caminhão. E ficou combinado que o carro viria nos buscar ao meio-dia. Padre Stanislau e padre Pedro estiveram presentes o tempo todo conosco. Depois de nos despedirmos das irmãs, onde desfrutávamos de hospitalidade há tanto tempo, e das crianças, fomos para o nosso campo de trabalho. Irmã Teresa, uma das irmãs de Goiânia, nos acompanhou. Depois de mais de três horas e meia de viagem, vimos a cidade à nossa frente. Eles pararam e o padre Pedro disparou um tiro de aviso. O primeiro foguete subiu ao ar. Um homem apareceu e pediu para esperar um pouco, porque não estavam prontos para nos receber.

Esperamos, e lá finalmente vimos o movimento. Muitas crianças de uniforme. Todas as escolas têm seus uniformes, a escola paroquial, a escola estadual, o ginásio etc. Os alunos do ginásio armados com tambores e foguetes emitiram o ruído necessário. A Congregação Mariana e os homens e mulheres de diferentes Irmandades também foram representados. O carro seguiu lentamente a procissão quase até a igreja. Juntamente com o padre Stanislau, entramos na igreja até o coro,

onde um banco nos esperava. O pároco, padre Wiro, e o padre Antônio van Regenmortel, já haviam nos recebido no carro. Mas na igreja o padre falou primeiro uma palavra de boas-vindas.

Depois de terminar a cerimônia, de dar as mãos e abraçar, fomos visitar nossa casa. Parecia tudo arrumado. Os padres haviam trabalhado bem para torná-la habitável para nós. Como tudo ainda estava embalado, fomos comer na reitoria no primeiro dia, mas depois a irmã Carla já havia encontrado tantas panelas e cuidou da comida. Nada do que trouxemos da Holanda foi quebrado ou estragado ao longo do caminho (carta de IRMÃ MARGARETH GOOREN, de 07 de novembro de 1961).

E, assim que passaram as cerimônias de boas-vindas, a própria irmã Margareth sinalizou o início dos trabalhos missionários em Anicuns:

Agora vamos montar uma sala o mais rápido possível com os diferentes medicamentos e, por enquanto, ajudar as pessoas aqui em casa e continuar visitando os pacientes. Já estamos desejando que as próximas duas irmãs venham nos ajudar em alguns meses e esperamos trazer remédios com elas ao mesmo tempo<sup>2</sup>.

Em Anicuns algumas irmãs se destacaram pelo atendimento às parturientes em casa: irmã Bernadette, irmã Francisca Venner (1929-1976), irmã Inês Jetten (1935-2020) e irmã Gemma Hofrichter (1929-2000). Logo que as irmãs chegaram a Anicuns, criaram um pensionato, com a finalidade de acolher as moças que vinham estudar na cidade, esse pensionato existiu até 1969 (CORDEIRO, p 290). “Os Vicentinos mantinham o hospital São Vicente de Paulo”, onde irmã Gemma foi a diretora. “Esse hospital foi vendido em 1980 para os médicos” (CORDEIRO, p. 290). Irmã Gemma promoveu muitos cursos para jovens que queriam ser técnicas de enfermagem, algumas foram enviadas à Goiânia para fazer estágio no Hospital São Francisco e na Santa Casa. Ficaram hospedadas com as irmãs na casa da Fama.

A irmã Inês chegou ao Brasil em 1965 e assim descreveu seus primeiros anos em Anicuns:

O trabalho missionário é muito amplo e queremos trabalhar onde for necessário. Foi assim que acabei na diocese de São Luís de Montes Belos, no Brasil Central. Comecei lá com quatro irmãs. Trabalhamos entre os mais pobres, que de outra forma não receberiam apoio de ninguém. Uma irmã era responsável pela catequese, uma segunda estava trabalhando socialmente e eu estava com outra irmã na enfermagem. Não havia hospitais na região na época, e eu fui por toda a área para fazer partos. No começo, o transporte era a cavalo e de carroça. Ocasionalmente, havia um jipe que me levava às futuras mães em estradas quase intransitáveis (FERREIRA, 2022, p. 264).

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www-historiemolenhoek-nl.translate.google/missiezusters-passionistinnen-van-de-h-gemma/?\\_x\\_tr\\_sl=nl&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-PT&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-historiemolenhoek-nl.translate.google/missiezusters-passionistinnen-van-de-h-gemma/?_x_tr_sl=nl&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-PT&_x_tr_pto=sc). Acesso em 20 jun. 2022.

Essa narrativa nos mostra as dificuldades dos primeiros anos e a amplitude do trabalho das irmãs. Como parteiras elas entravam nas casas das famílias, descobriam as dificuldades, os dramas e se colocavam prontas a ajudar. Assim muitas vezes providenciavam construções, reformas, medicamentos, filtro de barro para água, roupas e doações de materiais vindos da Europa.

## **2.2 Iporá - GO: Maternidade Santa Gema**

Em Iporá a comunidade das Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema desenvolveu diversos trabalhos, e marcou a vida da cidade. As duas primeiras irmãs chegam em 30 de abril de 1963. Foram recebidas no bairro São Francisco, com grande festa. Eram as irmãs Elisabeth e Bernadette (CORDEIRO, p. 157). A irmã Bernadette viveu poucos anos em Iporá. Depois foi a Goiânia, provavelmente em 1965 ela começou a trabalhar como enfermeira na Colônia Santa Marta para portadores de hanseníase. Ela foi substituída por irmã Paula Janssen (1923-1997), e depois por irmã Johana Borst (1931-), que continuaram o atendimento na Maternidade Santa Gema. O padre Wiro van Vliet (1927-2009), relatou no livro de tombo da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Iporá, que parte da verba para construir a maternidade foi doada pela embaixada dos Países Baixos. “Padre Pedro viajou de avião até Goiânia e de lá até São Paulo para trocar os 25.000 florins holandeses que o episcopado holandês doou destinados a construção da maternidade”. Mas como o valor doado foi insuficiente, precisaram fazer coletas na paróquia e ainda pedir mais dinheiro na Europa. Nos primeiros anos, a antiga casa paroquial foi adaptada para ser a maternidade, mas logo começaram a construção da nova maternidade e da casa das irmãs.

Irmã Elisabeth chegou a Iporá em 1963, e só deixou a cidade para retornar definitivamente à sua terra natal no ano 2000. Era uma irmã alegre, comunicativa e sabia cativar as pessoas. Além da maternidade Santa Gema trabalhou em postos de saúde e chegou a ser diretora do Hospital Municipal de Iporá. Nos primeiros anos foi diretora da creche Chapeuzinho Vermelho, no Bairro Mato Grosso. Local onde as mães podiam deixar seus filhos para trabalhar. A vida da irmã Elisabeth foi marcada pelo serviço ao próximo. Começou como parteira na maternidade e nas casas. Foi enfermeira em várias instituições de saúde de Iporá. Foi professora de enfermagem, promovendo cursos para as jovens estudantes. Após se aposentar como enfermeira no Hospital Cristo Redentor, passou a dedicar seu tempo à Pastoral Carcerária, cujo trabalho consiste especialmente

“nas visitas às cadeias e delegacias, rezando, fazendo orações e reflexões com os presos” (MENESES, p. 750), atuou também na Pastoral da Criança, da qual foi fundadora em Iporá. Há relatos que mostram a irmã Elisabeth trabalhando por treze anos à frente da Pastoral da Criança, ou, semanalmente, fazendo visitas ao presídio, ajudando a vender os produtos manuais fabricados pelos presos.

As duas irmãs que chegaram primeiro em Iporá eram enfermeiras, criaram a maternidade inaugurada em 4 de junho de 1968, onde fizeram mais de 1.500 partos (CORDEIRO, p. 219). Segundo relatos de Lúcia Vilela, professora no Jardim de Infância Branca de Neve e hóspede na casa das irmãs, alguns dias nasceram tantas crianças que as camas das religiosas tiveram que ser usadas para acolher as gestantes em trabalho de parto. Nos primeiros anos, as irmãs moraram na antiga casa paroquial, na avenida XV de Novembro. Só em julho de 1967, passaram definitivamente à casa junto da maternidade, na Avenida Goiás. Para a construção da maternidade foram empregados 7.000,00 cruzeiros, valor muito acima do orçamento previsto segundo o livro de tombo da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Iporá, na data de 1º de agosto de 1969.

Algumas irmãs que mais se destacaram como enfermeiras foram a Irmã Elisabeth, que atuou na enfermagem por mais de 25 anos, trabalhou na maternidade e também nos hospitais da cidade; a irmã Bernadette, que ficou poucos anos em Iporá e depois foi morar em Goiânia; a irmã Johana, que chegou em 1970 e ficou até 1975, ano em que a maternidade foi fechada por falta de irmãs para administrá-la (CORDEIRO, p. 220). Nesse mesmo ano irmã Elisabeth teve problemas de saúde e precisou ficar um tempo de repouso. Consta no livro comemorativo dos 20 anos da prelazia e da instalação da diocese, que ela retornou a Iporá em novembro de 1977 para trabalhar no posto de saúde. Nessa época já havia hospitais para atender a população, e a maternidade não era mais essencial, como foi no passado.

No livro de tombo da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Iporá, encontramos a anotação de setembro de 1975, que dizia: “foi fechada definitivamente a maternidade de Iporá. As irmãs Johana e Elisabeth foram transferidas para Firminópolis”. Irmã Elisabeth na realidade não chegou a morar em Firminópolis, apenas passou alguns dias para tratamento, mas logo foi a Goiânia e retornou definitivamente a Iporá.

Por alguns anos padre Wiro morou sozinho em Iporá, provavelmente entre os anos de 1975 a 1983. As irmãs passaram a almoçar na casa paroquial, para estar mais juntas e

conversar mais sobre os projetos que cada uma desenvolvia. Cada irmã tinha seu campo de apostolado, desenvolvia seus projetos, mas estavam em sintonia e conversavam diariamente sobre tudo que acontecia na vida da Igreja em Iporá. Em 17 de agosto de 1980, o padre Wiro escreveu no boletim comunitário da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Iporá, uma mensagem pelo mês das vocações:

A nossa comunidade local, povo de Deus, se sente feliz por ter em seu meio quatro irmãs passionistas totalmente a serviço da comunidade. Hoje é o dia em que a dedicação, abnegação e serviço evangélico das irmãs devem ser lembrados: irmã Elisabeth tantos anos dedicados à maternidade, depois no posto de saúde e atualmente no Hospital Cristo Redentor. Irmã Gabriela na catequese. Irmã Benigna como diretora do Lar São Vicente de Paulo e irmã Miguela com seu carinho junto aos pequeninos no jardim de Infância Branca de Neve. Pouca gente conhece o seu trabalho na simplicidade e na humildade de servir aos outros, de estar à disposição de tantos quantos delas necessitam, no desprendimento, na pureza e transparência, sem reservar nada para si, sem ambição pessoal, mas com o único objetivo de servir a Deus na pessoa dos mais pobres e desamparados, nos que sofrem e mendigam um pouco de carinho e amor. Vale a pena viver assim!

A vida das irmãs em Iporá foi bem resumida nas palavras: dedicação, abnegação, serviço evangélico, simplicidade, desprendimento e humildade. Quantas qualidades atribuídas a essas irmãs no reconhecimento da importância do trabalho por elas prestados à comunidade iporaense. Darcy Cordeiro (2011), resume o tempo que as irmãs passionistas trabalharam em Iporá com as seguintes palavras:

Em 2000, as irmãs passionistas Elisabeth e Gabriela retornaram definitivamente para sua terra natal, a Holanda, depois de 40 e 36 anos respectivamente de serviços prestados no Brasil. Em Iporá, trabalharam na maternidade (1969-1975), no Jardim de Infância Branca de Neve (1978 a 1987), no Lar São Vicente de Paulo (1978 a 1998), na Vila José Cândido Vieira (1986 a 2000) e em outras atividades, como os cursos de Enfermagem, de Culinária, Manicure e Pedicure, nas pastorais da Criança e Carcerária, no Posto de Saúde, na Creche Chapeuzinho Vermelho, no Hospital Cristo Redentor e no Hospital Municipal, bem como nas demais atividades pastorais da paróquia (CORDEIRO, 2011. p. 222).

### **2.3 Firminópolis- GO: maternidade e hospital Santa Gema**

Em 1966, o padre Paulino chegou de Anicuns para Firminópolis. Logo o médico Diong Batista Cordeiro (1939-2021), também veio de Anicuns para Firminópolis, e criou o pequeno Hospital Nossa Senhora da Guia, que foi vendido para as irmãs. Ele e sua esposa Marlene, conheciam as irmãs de Anicuns. As irmãs começaram a sonharam com a construção de uma maternidade e hospital em Firminópolis. Para essa obra veio

definitivamente a irmã Francisca Venner em 1969: ela se tornou a chefe de enfermagem do Hospital Nossa Senhora da Guia (CORDEIRO, p. 250). Irmã Francisca era famosa como parteira em Anicuns. Falava muito bem o português e percorria as fazendas com vacinas em caixas de isopor para imunizar as crianças e a população em geral contra as doenças. O padre Paulino, as irmãs e o próprio médico Diong “começaram a pensar em fundar uma maternidade, hospital para as pessoas carentes e com essa ideia uniram força de vontade e determinação” (VIDAS MISSIONÁRIAS, p. 158). Ficou bem claro que, o objetivo da maternidade em Firminópolis, era o atendimento para as mulheres pobres. Era uma obra filantrópica, voltado para a população mais carente. Esse é o primeiro aspecto das obras das Irmãs Passionistas de Santa Gema. A primeira preocupação era atender os pobres.

As irmãs compraram o hospital do médico Diong, com o terreno para a construção do novo prédio. Irmã Francisca foi a primeira diretora e inaugurou com as irmãs Carla, Margareth, Miguela e Paula – que chegaram em Firminópolis em 1967 – a nova Maternidade e Hospital Santa Gema com 43 leitos, em 14 de maio de 1973. A história da construção da Maternidade e Hospital Santa Gema é marcada por sacrifícios, pois as irmãs e os padres não tinham todo o recurso para a construção. Irmã Francisca, em uma das viagens aos Países Baixos, conseguiu participar de um programa de televisão onde relatou sua missão à frente do hospital e pediu ajuda para a construção. No livro de tomo da Paróquia de Nossa Senhora da Guia de Firminópolis, encontramos nos escritos do padre Paulino, que algum tempo depois, foi a vez de irmã Carla ir de férias aos Países Baixos, a fim de angariar mais fundos para a conclusão da construção e aquisição de equipamentos para o hospital. Irmã Catharina Ommen (1935-2022), chegou a Firminópolis em 1973, e também era enfermeira.

Após a morte de irmã Francisca, em 1976, chegaram as irmãs Johana e Inês. A primeira trabalhou como chefe de enfermagem, a segunda como diretora geral da maternidade e hospital Santa Gema. As duas irmãs trabalharam dezessete anos à frente desta instituição. Sempre prontas a atender a população. Irmã Johana é lembrada pelo sorriso, pelo carinho com as crianças e os doentes, por estar sempre presente na sala de cirurgia e especialmente nos partos. Irmã Inês já era vista como uma irmã que facilmente ficava nervosa, dizia o que vinha a cabeça, porém se esforçava para ajudar, especialmente as crianças doentes. No dia 27 de janeiro de 1993, as Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema participaram da missa em ação de graças pelo tempo que moraram em

Firminópolis. E encerraram a presença na Maternidade e Hospital Santa Gema, que foi doado às Irmãs Beneditinas da Divina Providência. No dia 29 de janeiro de 1993, as três irmãs beneditinas chegaram e receberam a casa e o hospital. Nesse mesmo dia a irmã Johana passou a residir em Anicuns, e irmã Inês foi para São Luís de Montes Belos. E assim as irmãs passionistas deixaram definitivamente a cidade de Firminópolis.

### **3. O Brasil desenvolveu**

O país que as primeiras irmãs conheceram quando chegaram ao Brasil, em 1960, é muito diferente do Brasil que deixaram por volta do ano 2000. As cidades cresceram, a população migrou da zona rural para as cidades, as estradas foram pavimentadas, o número de filhos por casal diminuiu, surgiram colégios e hospitais nas diversas cidades por onde passaram. São algumas mudanças que podemos elencar sem citar muitos dados históricos. Ao chegar ao Brasil cada irmã traduziu seu diploma, pois uma preocupação era estar apta a trabalhar onde fosse necessário. Então logo que chegavam já faziam esse processo, e, depois, ao longo dos anos, foram se adequando às novas realidades.

Um dado importante: as Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema sempre se preocuparam com as crianças e as mulheres. O hospital de Firminópolis inicialmente se chamou maternidade, em Iporá fundaram também uma maternidade. Em Anicuns começaram como parteiras. O hospital servia também para formar enfermeiras, dar uma profissão às mulheres que precisavam trabalhar para ajudar suas famílias.

A década de 1970 foi o auge dos trabalhos das irmãs na Prelazia de São Luís de Montes Belos, pois já estavam com estruturas prontas: casas, colégio interno, maternidade e hospital, escolas domésticas e algumas creches iniciando os trabalhos. Porém, na área da enfermagem tiveram mais problemas nesse tempo. Em Firminópolis, irmã Francisca Venner adoeceu e, retornando à terra natal, faleceu após poucos meses de tratamento. Irmã Catharina veio ao Brasil, mas não se adaptou por aqui e em poucos anos retornou aos Países Baixos. Em Iporá, a irmã Elisabeth também adoeceu e precisou se afastar da maternidade por um ano. Irmã Bernadette deixou de ser enfermeira em Goiânia para se dedicar às obras sociais e às creches na Prelazia de São Luís de Montes Belos, em 1975. Em Anicuns, a irmã Gemma era diretora do hospital, mas precisou retornar à Europa sofrendo com problemas renais e não pôde mais voltar a trabalhar no Brasil. Assim o trabalho de enfermagem ficou mais restrito, enquanto os projetos sociais ligados à educação se fortaleceram.

O trabalho apostólico das irmãs passionistas missionárias de Santa Gema no estado de Goiás foi financiado por instituições e famílias europeias, em geral da Alemanha e dos Países Baixos. Enquanto as irmãs trabalhavam no Brasil, havia a elaboração de projetos para a manutenção das obras sociais. E na Europa algumas irmãs visitavam as paróquias, as famílias e outras instituições onde apresentavam prestação de contas do dinheiro enviado ao Brasil, com relatórios e fotografias de tudo que acontecia por aqui. Nas férias as irmãs que viviam no Brasil visitavam seus amigos e benfeitores, apresentando suas necessidades mais urgentes, a fim de angariar mais fundos para investimento nas obras sociais.

### **3.1. As irmãs se adaptaram às novas realidades do Brasil**

As irmãs atuaram incansavelmente na área da enfermagem, mas com a idade avançada foram se adaptando, passando as obras sociais a outras congregações religiosas, como foi o caso da maternidade e hospital Santa Gema de Firminópolis. Porém, continuaram a trabalhar com as creches em toda a região e com a Pastoral da Criança, cujo trabalho consiste em “visitas, pesagem das crianças, orientações às mães, sob diversos aspectos, distribuição de multi-mistura” (MENESES, 2013, p. 752). Em geral, as irmãs retornaram aos Países Baixos quando já não conseguiam mais trabalhar, estavam doentes e precisavam realmente parar com as atividades missionárias.

Foram dezoito irmãs que vieram ao Brasil entre os anos 1960 até 1970. Dedicaram suas vidas ao trabalho missionário em Goiás. Ajudaram muitas pessoas, muitas famílias, mas especialmente tiveram atenção às mães e às crianças. São lembradas por serem rígidas com os horários, esforçadas no trabalho, dedicadas aos mais pobres, sinceras e exigentes.

### **4. Considerações finais**

As Irmãs Passionistas Missionárias de Santa Gema, foi uma congregação pequena, com dezoito irmãs europeias e algumas brasileiras, que ao longo dos anos foram deixando a congregação. Já idosas, as irmãs voltaram aos Países Baixos onde foram viver em casas para idosos, e atualmente apenas duas irmãs estão vivas: Johana Borst e Miguela Hoenselaar, ambas com mais de 90 anos. Mas o trabalho delas em Goiás deixou muitos frutos. Mulheres aprenderam com elas a serem enfermeiras, professoras, donas de casa. Crianças puderam nascer com mais conforto e menos risco de vida nas maternidades que elas criaram. As irmãs eram enfermeiras formadas na Europa, e consideradas como

“doutoras” pelo povo. Várias eram procuradas por pessoas que recebiam um diagnóstico de alguma doença, como que pedindo uma palavra sobre o seu tratamento.

O trabalho apostólico das irmãs passionistas em Goiás foi muito amplo, embora o foco principal foi sempre as gestantes e as crianças; sabemos notícias de creches, maternidades, lares para idosos, vilas onde elas construíram casas para famílias carentes, escolas domésticas, lavanderias e o auxílio na administração da diocese de São Luís de Montes Belos-GO. As irmãs fizeram história e deixaram uma bonita história de trabalho e doação no estado de Goiás.

## Referências

Boletim comunitário da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Iporá, de 17 de agosto de 1980.

Cartas das Irmãs Passionistas (1960-1970). Arquivo Provincial dos Missionários Passionistas em Belo Horizonte - MG.

CORDEIRO, Darcy. **Cinquentenário da Prelazia-Diocese de São Luís de Montes Belos** (1961-2011). Goiânia: Editora da PUC-GO, 2011.

ESPÍNDOLA, Rubens A. S. **Diocese de São Luís de Montes Belos: comemorando 20 anos de Prelazia e a instalação da Diocese**. Goiânia: Gráfica da UCG, 1981.

FERREIRA, Rodrigo. **Os pioneiros: Histórias e Memórias dos Padres e Irmãs Passionistas em Goiás**. Belo Horizonte: Rona, 2022.

[https://www-historiemolenhoek-nl.translate.google/missiezusters-passionistinnen-van-de-h-gemma/?\\_x\\_tr\\_sl=nl&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-PT&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-historiemolenhoek-nl.translate.google/missiezusters-passionistinnen-van-de-h-gemma/?_x_tr_sl=nl&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-PT&_x_tr_pto=sc). Acessado em 20 jun. 2022.

Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Iporá, Diocese de São Luís de Montes Belos, Goiás.

Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Guia de Firminópolis, Diocese de São Luís de Montes Belos, Goiás.

MENESES, Áurea C. **História Eclesiástica de Goiás**. Volume 3. Goiânia: Ed. da PUC-GO/ IFITEG, 2013.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA GUIA. **Vidas Missionárias**. Firminópolis, GO, 2016.